ANTI CAPITALISTA

N.º 32 (SÉRIE II) – OUTUBRO 2020

MARISA, UMA CANDIDATA PARA A ESQUERDA POPULAR
P.03

ELEIÇÕES NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS
PP.04 e 05

AMEAÇA NOS EUA

UMA BOMBA DE PAVIO CURTO EM NOVEMBRO

EDITORIAL

A IMPORTÂNCIA DAS ELEIÇÕES PARA ANTICAPITALISTAS

Não precisamos de citar Lenine para dizer que os partidos de esquerda precisam de participar em eleições. Para muitos de nós é de senso comum que participar em eleições é importante. Para a maior parte da população, no entanto, é ainda mais claro: a política nas democracias liberais coloca a eleição como o ato ritual do regime e da vida política. Este ritual, além de ser um mecanismo que permite algumas mudanças, tem as suas limitações e por isso também vai esgotando nele esperanças de mudanças estruturais ou, se quiserem, revolucionárias.

Também sabemos que, na nossa perspetiva, a política não só não se esgota no parlamento e nas eleições, como se faz sobretudo além deste ritos e ícones de regime. Faz parte da nossa cultura política a militância nos movimentos sociais enquanto base da ação política para transformar o mundo à nossa volta. Muitos trazem essa cultura desde antes da fundação do Bloco de Esquerda, outros vão abraçando este modo de fazer política e ainda bem. É esta forma de mudar o mundo juntas e juntos que nos dá alegria e a força para propor alternativas para toda a sociedade. É com base no ativismo que construímos propostas de alternativa. É aqui que entram as eleições.

Apesar da contínua presença da esquerda, as eleições e a alternância entre forças de centro e direita constituíram, desde o 25 de Abril, a ideia de que não há escapatória ao bloco central e à direita. A ditadura do voto útil, a ideia de permissividade perante a corrupção dos super-ricos, trouxe a sensação de justiça por fazer e de impotência a tanta gente.

Estruturada a hegemonia do neoliberalismo e do "não há alternativa", que tanta força teve durante os anos da Troika, muita gente passou a fazer parte do enorme bolo que hoje é a abstenção. Não vale a pena encontrar desculpas em "eleitores fantasmas" ou emigrantes nos cadernos eleitorais. A abstenção é muito grande em Portugal e é maior do que a importância que lhe damos, tantas vezes ancorados à perspectiva da nossa bolha de militância. No entanto, é da mobilização de pessoas desiludidas e sem esperança que se alimentam os novos partidos de direita. Vendem-se como novos, mas na verdade não passam de um rebranding de ideias velhas.

É por isso que a candidatura da nossa camarada Marisa Matias às eleições presidenciais se reveste de especial importância. É o momento de mostrarmos que, para além da alternância ou do regresso ao passado obscuro, existe uma partido-movimento que agrega todas as lutas, todas as causas. Um partido que orgulhosamente construímos e que luta contra todas as opressões e toda a exploração. É o momento de construirmos e crescermos, juntando todos os desiludidos do consenso mole do bloco central à volta de um programa político anticapitalista que seja perceptível por todos e todas, que seja mobilizador, que nos faça crescer.

Esta é uma publicação da *Rede Anticapitalista*, em que se juntam militantes do *Bloco de Esquerda* que se empenham nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 *Editorial*
A importância das eleições para anticapitalistas

3 Contra os jogos de cartas marcadas, a força da Marisa
Adriano Campos

4 São Paulo, Brasil: A candidatura Boulos/Erundina
Valério Arcary

5 Eleições nos EUA: emoções fortes até ao fim
Luís Leiria

6 Quem tem medo do novo ano letivo?
Andreia Galvão e Beatriz Farelo

7 Ursula e a Europa paraíso
Mafalda Escada

8 *Leituras*

8 *Filme: O fim do mundo*

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Andreia Galvão
Hugo Monteiro
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Design
Helena Borges

Participaram nesta edição
Ana Bárbara Pedrosa
Andreia Galvão
Beatriz Farelo
Catherine Boutaud (capa)
Joana Louçã
Luis Leiria
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera

Capa
Catherine Boutaud

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

CONTRA OS JOGOS DE CARTAS MARCADAS, A FORÇA DA MARISA

ADRIANO CAMPOS

Antes do começo do fim da pandemia, com uma crise certa pela frente e tantas incertezas no plano das respostas estruturais, as eleições presidenciais de 2021 ocorrerão num tempo singular. Perante as dificuldades, uma estranha forma de pensamento vai tomando conta do debate ao centro e à esquerda. A leitura das eleições presidenciais como etapa de um jogo tático e a precipitação por uma disputa percentual e circunstancial são as duas expressões mais visíveis dessa forma que é, na prática, um derrotismo. Há mesmo quem, perante a insegurança e fragilidade que ameaça a vida das pessoas, que exige a mobilização máxima das soluções, responda com um jogo de cartas marcadas.

A ideia de unanimismo em torno da recandidatura de Marcelo foi ungida pelo PS bem antes da proclamação de António Costa na Autoeuropa, em maio deste ano, numa tentativa clara de reduzir as eleições presidenciais a uma etapa necessária na busca pela quimera da maioria absoluta. Não é um espanto. Onde houve bloqueio à esquerda, Marcelo foi um conforto. Na definição sobre as PPP da saúde, na sangria do Novo Banco, na omissão em situações de abuso laboral que se tornam a regra do abuso, a busca pelas soluções de bloco central marcaram a presidência. Para conformar o voto no candidato do campo conservador, o PS vende a ideia da impossibilidade de alternativas, procurando assegurar a sua posição de governo, e já se sabe que cavalo alugado não cansa.

Há depois quem, vendo o problema de um segundo mandato de Marcelo em condições diametralmente opostas ao primeiro, onde crispação e o conflito subirão de tom, se lance na vertigem da disputa percentual, prometendo gambozinos em noites sem luar. A ideia de uma candidatura unitária à esquerda, que vive das reminiscências da campanha de Jorge Sampaio, perde o condão do encantamento logo que vistas as coisas. Sampaio teve o apoio do PS e, na reta final, do PCP e de outras esquerdas, valendo-se da experiência na Câmara Municipal de Lisboa para juntar forças e estabelecer um papel real de disputa com Cavaco, que era visto como uma forte ameaça. Nada disso existe hoje e nenhuma candidatura reúne esses condições. E não vai ser uma candidatura que se insere no campo de conflito interno do PS que as vais criar. Como em outras eleições, a mobilização de campos políticos distintos, mobilizando mais votos é o que pode travar a campanha da extrema-direita e o fortalecimento de uma candidatura hegemónica ao centro.

Para esse embate, as campanhas fazem-se de escolhas. Duas, sobretudo. Com quem querem estar e o que pretendem apresentar como proposta para o país. E nessas escolhas, a candidatura da Marisa Matias já disse ao que vinha, representando mais garantias, entusiasmo e ideias concretas. Garantia de termos à esquerda a mulher, que foi em 2016 a mais votada em presidenciais, pronta para um embate com o campo conservador e capaz de trazer para a campanha o foco e a estabilidade que esta disputa exige.

Há cinco anos, num tempo em que direita fazia jogos de bastidores com a democracia, a força da campanha presidencial da Marisa teve a força de afirmar a vontade popular. Agora que o país é ameaçado por uma nova crise, contamos com ela e o seu entusiasmo pela mobilização e exemplos de base, como a luta dos cuidadores e dos sectores que reuniu desde o começo, no seu anúncio do Largo do Carmo. Uma candidata popular, de combate social, feminista e antirracista, lutadora pela justiça climática, pela igualdade e contra os ódios da nova direita. No plano dos direitos internacionais, de Pequim a Washington, passando pelo Médio Oriente, no impasse das respostas europeias, na denúncia das porta giratórias entre a política e os negócios, na afirmação de soluções que combatam a usura da dívida e o regime de exploração que é a precariedade, é com a Marisa que podemos contar em toda a linha.

Desengane-se quem acha que estas eleições são sobre picar o ponto e que no dia seguinte há um reocupar tácito de posições. A pandemia obrigará, certamente, a uma campanha diferente, com dificuldades e surpresas, mas nada substituirá a presença e a convicção de passar adiante a senha:

Marisa à presidência.

FOTO: ANA MENDES

SÃO PAULO, BRASIL

A CANDIDATURA BOULOS/ERUNDINA

VALÉRIO ARCARY

Experiência é o nome que a gente coloca nos erros

Sabedoria popular judaica

Valério Arcary, dirigente do PSOL brasileiro, discute pontos fortes e fracos da esquerda nas eleições brasileiras deste mês de outubro. O que segue é um extrato de um artigo que podes ler na íntegra no site da Rede.

A campanha eleitoral em São Paulo se inicia com uma aparente surpresa. Pela primeira vez, na mais importante cidade do país, a candidatura do PSol vê confirmado nas primeiras pesquisas que está na frente da candidatura do PT. Candidaturas majoritárias do PSol já tinham superado as do PT, como em Belém com Edmilson Rodrigues. Mas agora é diferente.

Construir lideranças que têm audiência e respeito de massas não é simples, ao contrário, é difícil e complexo. E Boulos e Erundina, Áurea e Edmilson são lideranças inspiradoras. Não é, contudo, essencialmente, pela autoridade pessoal dos candidatos que este fenômeno está acontecendo. A questão é política. São muitos fatores que explicam esta inversão de lugar entre PSol e PT, mas ela não é um acidente. Tampouco é um fenômeno efêmero. Ela culmina um processo que começou vários anos atrás. Expressa uma reorganização no espaço à esquerda.

É verdade que parece paradoxal, porque o fortalecimento de uma ala mais radical da esquerda só se demonstrou, historicamente, possível depois de uma onda de lutas e, afinal, viemos acumulando derrotas desde 2016. Mas, seria miopia prestar atenção somente ao desfecho dos processos. Que a onda de lutas de resistência tenha sido até agora derrotada, não anula que ela existiu, e foi muito importante.

Mas só pode ser explicada tendo um pouco de perspectiva. A compreensão da situação brasileira exige atribuir sentido a três momentos chaves da luta de classes: as jornadas de junho de 2013, o golpe de 2016 e a eleição de Bolsonaro em 2018. Estes são os momentos chaves de confronto, porque foram qualitativos para a mudança da relação social de forças entre as classes. Perdemos, mas não foi sem luta. A esquerda radical brasileira está hoje, relativamente, mais forte porque passou a prova da história nestes combates decisivos.

Foi desafiada, em primeiro lugar, pelas jornadas de junho. Foi um processo muito amplo, só comparável, pela escala de milhões nas ruas, com as Diretas Já em 1984 e o Fora Collor em 1992. Junho de 2013 estava social e, politicamente, em disputa. Nas ruas havia, evidentemente, de tudo, até os fascistas. Mas havia também uma nova geração da classe trabalhadora urbana, mais instruída do que a dos seus pais, fazendo o seu "batismo" político. Junho de 2013 foi acéfalo, mas foi, também, a antessala da Primavera feminista, das imponentes mobilizações LGBT's contra Marcos Feliciano, das ocupações de escolas secundaristas, de um ascenso do movimento negro, além do impulso a outros movimentos, como o ambiental, o de Direitos Humanos, ou o de descriminalização do consumo de drogas. A esquerda mais combativa se posicionou ao lado desta onda.

A esquerda radical passou por uma segunda prova de fogo complexa entre o final de 2015 e 2018. Várias correntes e organizações se dividiram, mas, se consideramos o desfecho com grandeza, sobreviveu, e hoje está mais forte do que era. O desafio era fazer, rapidamente, uma curva de reposicionamento diante da iminência de um golpe institucional. Fazer curvas políticas em alta velocidade é muito perigoso. É fácil derrapar e capotar. A esquerda socialista estava em um campo de oposição ao governo Dilma/Rousseff/Joaquim Levy. Mas, a iminência do golpe exigia que ela se colocasse ao lado do PT contra o golpe.

O MTST e o PSol passaram esta prova da história. Estiveram na defesa do mandato de Dilma e contra a prisão de Lula. Tiveram a lucidez de convergir desde então, construindo a candidatura de Boulos à presidência em 2018, mas na primeira linha da campanha de Haddad no segundo turno, da campanha Lula Livre, e da defesa de uma Frente de Esquerda na oposição a Bolsonaro.

ELEIÇÕES NOS EUA: EMOÇÕES FORTES ATÉ AO FIM

LUIS LEIRIA

Uma coisa parece estar garantida no que se refere às eleições presidenciais de 3 de novembro nos Estados Unidos: vai ser necessário ter muito sangue-frio e aguentar até ao último minuto. Esta é a melhor perspetiva, porque há sempre a possibilidade de o processo de apuração dos resultados – e a disputa em torno da contagem – prolongar-se, como aconteceu nas eleições de 2000, ganhas por Al Gore no voto popular, por cerca de meio milhão de votos, mas perdidas no colégio eleitoral. A recontagem dos votos no estado da Flórida arrastou-se por mais de um mês, até que uma decisão do Supremo Tribunal lhe pôs fim. Pois é: foi desta forma que George W. Bush chegou à Casa Branca.

Também vale a pena recordar que a distorção provocada pelo sistema eleitoral dos EUA chegou ao seu máximo absurdo nas últimas eleições, vencidas por Trump, folgadamente, com 304 votos eleitorais, contra apenas 227 da sua adversária, Hillary Clinton, que, no entanto, venceu a contagem nacional com mais de 2,8 milhões de votos de vantagem sobre o atual presidente.

Para além dos casos de Al Gore e de Hillary Clinton, é preciso chegar ao ano de 1888 para encontrar outro exemplo de um candidato (neste caso, o democrata Grover Cleveland) que tenha vencido a contagem nacional, mas perdido as eleições.

AS SONDAGENS ERRAM MUITO

É por tudo isto que ninguém pode ficar tranquilo quanto ao resultado final das eleições nos Estados Unidos da América, mesmo quando a média das sondagens nos diz que Joe Biden, o candidato dos democratas, leva neste momento uma vantagem de sete pontos percentuais sobre Donald Trump.

É verdade que foram poucos aqueles presidentes que perderam a reeleição em tempos recentes (Carter perdeu para Reagan em 1980 e George H. W. Bush perdeu para Clinton em 1992).

Mas também é verdade que nenhum dos presidentes reeleitos, pelo menos desde 1936, conseguiu recuperar de um resultado tão mau nas sondagens a menos de um mês e meio das eleições. Além disso, chama a atenção a quantidade muito reduzida de indecisos. Uma *sondagem recente Wall Street Journal/NBC News* mostra mesmo que quase 90% dos eleitores já tomou uma decisão firme de voto. Nessa sondagem, Biden vence Trump por 51% a 43%.

Por outro lado, também é certo que as previsões têm errado muito. A média de sondagens previa em 2016, na véspera das eleições, uma vitória de Hillary Clinton por 3,8%. Ela venceu no voto popular por 2,1%, mas perdeu em estados decisivos que a derrotaram no colégio eleitoral. E isto as sondagens não previam. Um exemplo que Trump gosta muito de citar é o do Michigan, estado onde todas as consultas davam a vitória a Hillary, e foi Trump que acabou por vencer por uma margem mínima. Mas também é verdade que, quando faltavam 41 dias para as eleições, a candidata democrata vencia por uma diferença de 4,5%. Já a liderança atual de Biden, na mesma altura e no mesmo estado, é de 7,3%.

OS ESTRAGOS DA PANDEMIA

Quando este artigo estiver a ser lido, muito provavelmente os Estados Unidos terão ultrapassado os 200 mil mortos por Covid-19. É um dado ao qual Trump já não pode escapar. A forma como o presidente republicano geriu a crise da pandemia pode vir a custar-lhe a eleição. O recorde de mortes no país mais poderoso do mundo é indefensável, por mais que Trump tente culpar a China, os governadores democratas ou a OMS. O seu negacionismo foi quase infantil, quando por exemplo garantiu ao povo americano que o novo coronavírus iria desaparecer "como um milagre". O *Washington Post* *contou 34 vezes em que o presidente repetiu essa promessa*. A epidemia simplesmente não estava nos planos de reeleição, e por isso a reação foi negá-la com base no pensamento mágico.

Ainda num recente comício de campanha, no dia 22 de setembro, *Trump voltou a afirmar* que o vírus "não afeta, virtualmente, ninguém"!

É por isso que soa igualmente como pensamento mágico a promessa de uma "surpresa em outubro", data em que Trump pretende anunciar que a vacina está pronta.

CAMPANHA SUPREMACISTA BRANCA

Onde a campanha de Trump se sente à vontade é diante das mobilizações dos negros contra a repressão policial. O presidente sabe que precisa do medo como arma eleitoral, e que as suas hipóteses de vitória assentam numa campanha que conquiste o voto amedrontado dos brancos.

A campanha supremacista branca tem sido uma constante. Trump recusou-se até a criticar os assassinatos praticados por milícias brancas, dando um incentivo para a mobilização de bandos fascistas. A ideia que quer passar é que as pessoas têm de escolher entre ele, que garante a lei e a ordem – e que os negros fiquem sob a opressão de sempre –, ou Biden, que trará com ele o caos. Conseguirá esse amedrontamento inverter a tendência atual de vitória dos democratas?

O FATOR ENTUSIASMO

Um dado que as sondagens também registam é que os eleitores de Trump são mais fervorosos no seu voto que os de Biden. Segundo o *Harvard Kennedy School Institute of Politics*, 56 % dos prováveis eleitores de Trump dizem ser "muito entusiastas" no seu voto, enquanto apenas 35% dos prováveis eleitores do candidato democrata dizem o mesmo. Biden, que nunca escondeu ser o representante do *establishment* democrata, não está a conseguir despertar a mesma mobilização que sem dúvida ocorreria se o candidato fosse Bernie Sanders. Será a falta de entusiasmo em Biden compensada pelo impulso de votar anti-Trump?

Segurem-se: até novembro, ainda haverá muitas emoções fortes.

Luís Leiria é redator do Esquerda.net

FOTO: ELEMENTS DIGITAL@UNSPLASH

QUEM TEM MEDO DO NOVO ANO LETIVO?

ANDREIA GALVÃO E BEATRIZ FARELO

Que relação entre a incerteza do recomeço das aulas, os esforços no reforço da ação social, a falta de alojamento estudantil e as inseguranças sanitárias, e a mercantilização e falta de investimento no Ensino Superior? Tudo. O sistema económico não está a falhar agora, ele já nos estava a falhar antes.

A pandemia veio relembrar-nos de todos os problemas no Ensino Superior: a falta de investimento, a mercantilização bruta das e dos estudantes e os fracos mecanismos de ação social. Conciliar o final do ano letivo com um cenário pandémico, teve um peso brutal na nossa saúde mental e no bolso de milhares de famílias. Muitos estudantes abandonaram os estudos, perderam a casa, e agora tentam a todo o custo procurar emprego em tempos onde mais estamos expostos a estágios não remunerados ou postos altamente precários.

Contudo, a conjuntura sócio-económica parece não abalar a lógica da propina. Ainda que o valor da propina tenha vindo a baixar para estudantes portugueses, veio à custa do aumento da mesma para estudantes internacionais e situações verificamos, mais uma vez, que é quem vem dos países historicamente explorados por Portugal que fica incumbido de financiar o Ensino Superior no nosso país, quando o Estado se desresponsabiliza de o fazer.

A ação social adaptou-se, mas é claramente insuficiente para tudo o que ainda está para vir. O ataque ao alojamento estudantil agravou-se, sim, mas não esquecemos que os e as estudantes já pagavam cerca de 300€ de renda por um colchão num quarto sem as mínimas condições de estudo, e as residências estudantis sempre foram insuficientes. Se o abandono cresce, é porque a incerteza económica do peso das propinas no bolso das famílias (agora em lay-off e no desemprego), e a insuficiência na ação social não asseguram a democratização do ensino àqueles e àquelas que já antes saíam prejudicados com este sistema.

Garantir um Ensino Superior público e democrático é garantir a segurança sanitária nas aulas presenciais, um lugar de estudo e pesquisa que preencha as necessidades dos estudantes, criar mais alojamento estudantil público e mais residências, reforçando a ótica da habitação social, exigir mais financiamento por parte do Estado, e reforçar a ação social, não apenas como um mero paliativo.

Em tempos em que a segurança e a nossa liberdade é posta em causa, urge repensar os modelos de organização da luta estudantil. Em contacto com ativistas estudantis e associações académicas, o Bloco tem vindo a perceber que as grandes dificuldades se prendem na falta de informação disponibilizada pelas Instituições de Ensino Superior, o que enfraquece a possibilidade de tomada de posições coletivas concertadas. Apesar de todas as dificuldades que se levantam sabemos o que queremos trazer para o centro do debate político: acabar com a propina, garantir segurança para todos e todas as estudantes neste ano letivo e assegurar que estudar é um direito para todos e todas.

Andreia Galvão e Beatriz Farelo são ativistas estudantis

FOTO: TAYLOR WILCOX @UNSPLASH

FOTO: WIKIPEDIA

EUROPA

URSULA E A EUROPA PARAÍSO

MAFALDA ESCADA

Ursula von der Leyen afirmou que o vírus veio mostrar "os limites de um modelo que valoriza a riqueza acima do bem-estar". Da contradição do sistema capitalista, nada de novo.

No seguimento das mobilizações antirracistas dos últimos meses, cruzei-me com um texto sobre a nocividade de alianças performativas no ativismo[1]. À primeira vista, os temas não se cruzam, mas as características que a autora atribui à aliança performativa ecoam no discurso da Presidente da CE que se esgota em si mesmo.

Primeiro, uma *mensagem simples* – "O momento para a Europa liderar o caminho da fragilidade rumo a uma nova vitalidade." Segundo, Ursula mostra-se *inconformada com situações de injustiça*, como Moria, ou com as *LGBTQI free zones*. Terceiro, a *recusa de reconhecimento de responsabilidade individual* que só teno em conta por se por se tratar de quem é. Sem rodeios, a Presidente apontou o dedo à Turquia pela violação da fronteira grega e acusou a China de não respeitar os direitos humanos dos Uyghurs. Porém, não reconheceu a responsabilidade da Europa nos problemas presentes. Por fim, tendo como objetivo uma *aceitação fácil interpares*, profetiza a Europa da "vitalidade". Imagina a Europa do futuro sem reconhecer a Europa do presente.

O discurso de von der Leyen é mais assertivo na afirmação de valores democráticos do que o do centrão em Portugal, confrontando a extrema-direita no Parlamento Europeu (PE): a solidariedade, a justiça social, os direitos do trabalho. Contudo, a mensagem desvanece-se quando contrariada pela própria realidade. Com uma Europa ainda não refeita da crise financeira, o perigo não reside apenas no discurso da extrema-direita que abriga quem se refugia no medo e no ódio. Figuras como von der Leyen não se podem dar ao luxo de profetizar a "prosperidade" sem a concretizar. Criar expectativas destinadas à desilusão é gasolina no fogo ateado pela extrema-direita. Quando 60% das pessoas em Portugal espera uma má gestão dos fundos europeus[2], a Europa não passa de um depósito de boas intenções, descredibilizada. Simultaneamente cresce a bancada da extrema-direita no PE e em todo o continente.

A esquerda confrontou a CE com a falta de políticas concretas para os objetivos que propõe. Por cá, o Bloco batalha pelo mesmo – medidas concretas de resposta à crise. Só uma política consequente trava a batalha ideológica incentivada pela extrema-direita, criando a fonte de segurança necessária, vacina contra o medo e o ódio: salários dignos, proteção social, etc. O paradigma europeu serve-nos de aviso para a guerra que se trava. Os nossos esforços não podem ser empregues na troca de palavras contra a extrema-direita, a nova versão da política do hashtag que, tal como o ativismo performativo, de nada serve senão para nos tranquilizar a consciência. A disputa política não pode negligenciar a construção de soluções para os problemas de agora, o que passa pela disponibilidade para dialogar e não pelo isolamento suicidário. (Mas não esquecer o provérbio russo: "confie, mas verifique").

As mobilizações que têm crescido – feministas, antirracistas, ecologistas – não estão garantidas. Perante um eventual esgotamento do potencial mobilizador das identidades e uma maior saliência da crise económica, em detrimento da crise climática, precisamos de transformar a privação relativa em mobilização. O Bloco tem de ser esse mecanismo transformador, conhecendo o terreno onde se move, falando a mesma língua que quem pretende mobilizar, batalhando pela tal fonte de segurança que impede o abismo. Não podemos contentar-nos com a *aceitação fácil interpares*, nem ser profetas de um paraíso que nunca chega. O momento para sair da zona de conforto, construir pontes e alicerces para os valores que defendemos, junto de quem defendemos, é agora.

Mafalda Escada é ativista estudantil

1 *Performative Allyship is Deadly*, Holiday Phillips

https://forge.medium.com/performative-allyship-is-deadly-c900645d9f1f

2 Expresso, "Sondagem: 60% dos portugueses garante que os fundos europeus vão ser mal geridos"

https://expresso.pt/sociedade/2020-09-22-Sondagem-60-dos-portugueses-garante-que-os-fundos-europeus-vao-ser-mal-geridos

LEITURAS

CUIDAR DE QUEM CUIDA

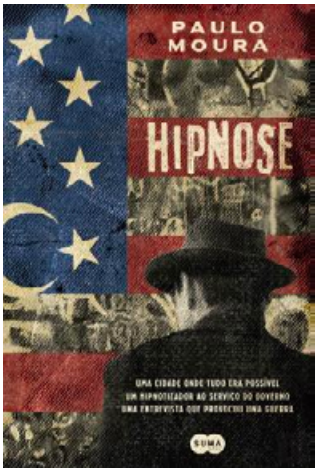
José Soeiro, Mafalda Araújo, Sofia Figueiredo

O livro, escrito com o pensamento de sociólogos, a experiência da organização do movimento de cuidadores informais e a luta pelos seus direitos, é um retrato de um Portugal pouco conhecido. Ao mesmo tempo, sublinha o progresso da mobilização e da representação de direitos sociais por parte de uma população vulnerabilizada e esquecida. Talvez por isso seja este um dos desafios mais importantes para a esquerda, superar os limites dos sindicatos e de outras associações e dar a voz quem presta um cuidado decisivo para a vida de tanta gente. O livro faz este percurso mostrando o que se faz, como se faz e para que se faz. É nisso um documento extraordinário. *FL*

O LIVRO DO DESLEMBRAMENTO

Ondjaki

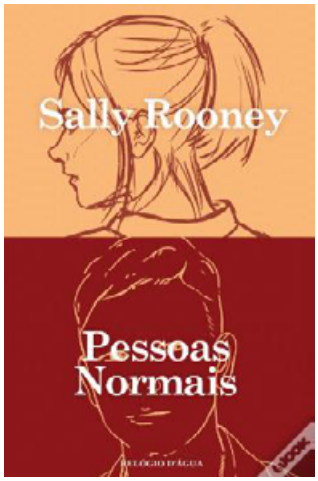
Ondjaki já tinha deixado claro que era um dos grandes escritores em língua portuguesa com "Os Transparentes" (2012). Com "O livro do deslembramento", o autor angolano regressa num estilo que já é conhecido, sem por isso deixar de surpreender. A voz da criança que narra é credível e literária, sem as intelectualizações habituais dos autores lusófonos que enveredam por aí. O fio da narrativa é o de uma intimidade familiar, em que o leitor entra porque alguém deixou a porta aberta. E, de repente, aparece Angola no que é pequeno, a cozinha de uma casa, e finalmente no que é grande, sem deixar de ser o palco da vida individual para se tornar num trauma ou num evento histórico ou num pretexto. A familiaridade de Ondjaki e a candura com que escreve são dois grandes tesouros da literatura coetânea em língua portuguesa. Mais uma vez, é um livro que não é sobre política, mas sobre a vida. Sucede-se que a vida é que é política. *AB*



HIPNOSE

Paulo Moura

Paulo Moura é um dos grandes repórteres portugueses e escreve como poucos. Desde "Longe do Mar" (FFMS, 2014) à montanha "Depois do fim" (Elsinore, 2016) ou ao emocionante "Uma Casa em Mossul" (Objectiva, 2018), o autor traça cenários com a intimidade de quem os pisou. O mergulho num romance tinha tudo para correr bem: décadas de experiência de escrita, olhos que vêem o que escapa aos outros e uma mão acutilante de quem vê a graça nas coisas sem precisar de convencer ninguém. A literatura portuguesa tem ido buscar cenários para lá das fronteiras, entregando aos leitores romances insípidos com um olhar de turista que finge ver por dentro. Com Paulo Moura, passa-se o contrário: ver e estudar o mundo torna-o natural e a leitura segue escorreita, de cenário em cenário, de pessoa em pessoa, de uma piada para a outra. *AB*



PESSOAS NORMAIS

Sally Rooney

Não se complica o que é simples, esta é a primeira lição a tirar da prosa de Sally Rooney. O tema parece um cliché, mas se há temas que são clichés é porque são universais. No caso, Sally Rooney foi pegar no amor aos solavancos de dois adolescentes da Irlanda até ao início da idade adulta. A acção, pungente, só toca no essencial. Não há frases a mais nem repetições e muito menos o erro de cair nas descrições do que não acrescenta nada. O texto é trabalhado e liso, os diálogos curtos e convincentes. Rooney descreve e a intimidade de Marianne e Conney entra com o leitor na cama. A autora, nascida em 1991, parece ter uma mão de Matusalém, uma técnica e uma maturidade apuradas durante muito mais tempo do que o que tem a sua vida. *AB*

FILME

REQUIEM PARA A REBOLEIRA

"O Fim do Mundo", de Basil da Cunha, acompanha o fim de adolescência de três amigos, ao mesmo tempo que antevê a possível destruição do bairro da Reboleira, mas fá-lo mantendo sempre a esperança contra a conformação. "Sonhar para quê? Não vale a pena", desabafa Giovani, com o bairro aos seus pés. Mas momentos depois, a mesma personagem mostra que há mesmo cavalos brancos na Amadora e que nunca se sabe o que pode acontecer a uma retroescavadora durante a noite. O realizador luso-suiço, que, em Portugal, vive na Reboleira (não confundir com Lisboa, são realidades distintas), começa o filme com um baptizado, termina-o num funeral (numa belíssima cena em que as personagens do filme, em despedida, invertem a relação e olham para dentro de nós, que estávamos a olhar para elas) e construiu o filme em conjunto com os seus cúmplices/actores. Tem de tudo, a violência das demolições das casas transformadas em montes de entulho que se acumulam durante anos, o cheiro a lixo que acompanha o início do filme e quase atravessa a tela, a solidariedade entre vizinhos; a história foi tecida com os habitantes do bairro, com base num guião, mas com muita improvisação e espontaneidade.

O filme, a não perder, venceu a competição nacional do IndieLisboa, foi seleccionado no Festival de Locarno e está agora nas salas de cinema. *JL*